CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
20 de novembro de 2024

NOSSA SENHORA DA LOJA DO CHINÊS / 2022

Um filme de ERY CLAVER

Realização e argumento: Ery Claver / *Assistente de realização*: Kamy Lara / *Direção de fotografia*: Eduardo Kropotkine / *Assistente de câmara*: Alfredo Tino / *Direção de arte*: Prudenciana Hach / *Direção de produção*: Rossana David / *Música*: Ismael Suama / *Som*: Oswald Juliana / *Bruitage*: (Foley Farmers) Franziska Treutler e Peter Burgis (artistas), Matthias Radcliffe (montador), Albercht Ihlenburg e Maxwell MacRae (misturadores) / *Montagem*: Zeno Monyak / *Interpretação*: Cláudia Púcuta (Domingas), David Caracol (Bessa), Willi Ribeiro (Zoyo), Liu Xuibing (lojista), Tobiasa (cão) / *Narração*: Meili Li / *Tradução do mandarim*: Xinyi Li

Produção: Geração 80 (Angola, 2022) / *Produtor*: Jorge Cohen / Produtores executivos: Sílvio Nascimento, Elias Ribeiro / *Cópia*: Digital, cor, falado em português e mandarim, legendado em português / *Duração*: 98 minutos / *Estreia*: 11 de agosto de 2022, Festival de Cinema de Locarno / *Estreia comercial portuguesa*: (Cinetoscópio) 23 de fevereiro de 2023, Cinema Fernando Lopes / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

_____

Depois do sucesso astronómico de **Ringu** (Ring - A Maldição, 1998), o "filme-de-culto" que Hideo Nakata realizou no final o milénio, o cineasta japonês voltou a tentar repetir a façanha com **Honogurai mizu no soko kara** (Águas Passadas, 2002), um drama especular sobre uma mãe recém-divorciada que se muda, com a filha, para um novo apartamento num edifício habitado por figuras especulares que se manifestam através de infiltrações nas paredes e tetos. Esse filme era um tocante e violento retrato da desagregação familiar (sintomatizando a normalização do divórcio no Japão ao longo da década de 1990), onde os elementos sobrenaturais se limitavam a explicitar o medo de uma mãe em perder a tutela da filha e a incapacidade desta (a filha) em escolher entre qualquer um dos progenitores. Aliás, se há um aspecto que atravessa a obra muito desigual de Hideo Nakata é uma muito particular e recorrente obsessão: a relação entre a figura do fantasma e os meios aquáticos. O elemento definidor das assombrações, no cinema de Nakata, é sem dúvida a água.

Recordo este realizador nipónico e este momento de particular popularidade do dito *J-Horror* (abreviatura de "cinema de terror japonês") porque não pude deixar de me lembrar desse último título enquanto assistia a **Nossa Senhora da Loja do Chinês.** Também no filme de Ery Claver existe uma casa que "chora" em contínuo a perda de uma filha, e também neste filme existe um casamento em ruínas na sequência – ou melhor, em consequência – da morte (nunca explicada) da filha Mariana. O luto manifesta-se na casa e nada consegue estancar o gotejar das águas. Vários canalizadores tentam a sua sorte sem sucesso (*é preciso substituir a tela; é preciso escoar a água pelo tudo do ar condicionado…*). Uma "doutora dos espíritos" faz os seus rituais, mas estes também não são bem-sucedidos. Nada resulta. De qualquer forma a dor da perda de Mariana manifesta-se também no próprio pai, incapaz de sair de casa, preso a uma cama, ruido por uma doença que é, em última análise, a metáfora da sua irresolúvel culpa.

No centro de **Nossa Senhora da Loja do Chinês** está este casal (Cláudia Púcuta/Domingas e David Caracol/Bessa) e este apartamento inconsolável – o filme inicia-se com uma longa sequência em que Domingas enche sucessivos baldes de água – a dor da perda de um filho é incalculável. Contudo, ao contrário de Nakata, que leva ao limite a sua metáfora sobre *ruturas* de canalizações, Ery Claver nunca assume como seus os trâmites do cinema de género e reduz o extraordinário da situação a uma certa redundância quotidiana. O singular torna-se banal e o

correr dos dias resigna-se às inevitabilidades do absurdo – o mundano vira fábula. Nesse sentido, há em **Nossa Senhora da Loja do Chinês** uma clara filiação à primeira longa-metragem de ficção da Geração 80 (a produtora fundada por Fradique, Tchiloia Lara e Jorge Cohen), **Ar Condicionado**. De facto, esse primeiro filme era já co-escrito por Claver (com o realizador, Fradique) e nele havia igualmente um elemento de fantasia surreal que se infiltrava no dia-a-dia de Luanda (nesse filme, em consequência do calor e do desaparecimento das plantas do espaço urbano, os aparelhos de ar condicionado começavam a atirar-se – exaustos – do cimo dos prédios, matando os eventuais transeuntes que estivessem no seu enfiamento). Num caso e no outro encontra-se o mesmo gosto pela literalização das metáforas em jeito de fantasia desencantada sobre os modos como o espaço urbano cristaliza as falências da sociedade.

Contudo, se referi um centro (o casal e o apartamento – a maior parte do filme foi rodado em 2020, no intervalo entre os confinamentos provocados pela pandemia de Covid-19, daí o lado concentracionário e minimalista desse "capítulo") é porque o filme traça, a partir desse núcleo dramático, uma série de tangentes. Mais precisamente, três: um barbeiro que decide virar pastor de almas, convertendo o pátio do seu estabelecimento num local de culto (e fá-lo não por fervor religioso, mas por oportunismo e ganância); um jovem sem-abrigo que deambula sozinho pela capital angolana, procurando vingar o desaparecimento do seu amigo de quatro patas; e, por fim (ou por princípio) um lojista chinês que importa, para o seu estabelecimento comercial, uma remessa de estatuetas de plástico da Nossa Senhora. Como o título anuncia, será esse o elemento agregador das várias histórias (todas as personagens, em algum momento, se cruzam com um exemplar da dita imagem religiosa produzida em massa) e será a voz do lojista que – em chinês! – tratará de lançar um olhar recuado e algo irónico sobre os paradoxos daquele bairro, daquela cidade e (em última caso) daquele país.

Esta opção de introduzir uma narração misteriosa em chinês, cheia de aforismos, é uma das opções mais desconcertantes de Ery Claver (a outra desconcertante opção do filme passa por colocar o prólogo a meio do filme, produzindo uma revolução de registos e uma desorientação narrativa que faz renascer no filme o entusiasmo da experimentação – aproximando-se, medidas as devidas distâncias, do efeito produzido em 2002 pelo genérico de abertura que cortava a meio **Sud sanaeha/Blissfully Yours**, de Apichatpong Weerasethakul). Embora desconcertante, esta opção revela, afinal, um primeiro nível daquele que é o tema subterrâneo de **Nossa Senhora da Loja do Chinês**: "uma alegoria sobre o poder" (usando as palavras do realizador, "O filme reclama (…) temas como desejos de vingança, segredos, servidão, abuso, violência, morte, fantasmas, política, fé religiosa, e é através do poder que essas bases se manifestam"). A língua chinesa e a figura do lojista assinalam, por isso, o primeiro nível de poder, o poder económico (naquilo que é, claramente, um comentário sobre a financeirização da influência da República Popular da China um pouco por todo o mundo, mas em particular em África e em especial em Angola). Todas as outras formas de poder (o político – a poderosa sequência expressionista da Tourada –, o patriarcal – o pai acamado –, o religioso e o poder da desinformação) resultam, afinal, de ecos do domínio económico; daí que a omnipresente narração chinesa e a figura elítica do lojista surjam como espectros que "infiltram" todas as relações – tudo depurado "plasticamente" na figura da Nossa Senhora.

Ricardo Vieira Lisboa